

Module 2: Presentation by Dr. Roselyn Akombe PT (Portuguese)

[00:00:18] Meu nome é Roselyn Akombe, eu coordeno o escritório do PNUD sobre governança e construção da paz na África com sede em Addis Abeba, Etiópia. Também sou ex-comissário da Comissão Eleitoral Independente do Quênia. Estou muito feliz por fazer parte desse curso muito importante e fazer parte deste segundo módulo, onde estamos analisando questões de desinformação, misinformation e seu impacto nas eleições. Acho que o que estamos vendo é que por causa das tecnologias digitais, por causa da expansão das mídias sociais, estamos vendo que a propagação de informações está se tornando realmente muito intensa e o volume é muito alto em velocidades muito, muito rápidas. E assim, isso significa que esse é o tipo de investimento que temos que fazer nas questões de lidar com desinformação e misinformation, a manipulação de informações online é muito importante. Vou me concentrar em cinco questões principais. Primeiro, o nível de desinformação, misinformation e manipulação de informações realmente aumentou exponencialmente nos últimos dez anos ou mais na África. O que significa que muitos órgãos de gestão eleitoral foram pegos despreparados porque essas são maneiras não convencionais de prejudicar a legitimidade das eleições que estão sendo feitas porque no passado você teve incidentes de imprudência deliberada para realmente comprometer a integridade das eleições ou prejudicar as instituições que estão organizando as eleições. Mas isso foi feito principalmente usando a mídia tradicional e os órgãos de gestão eleitoral que estão preparados para lidar com a mídia. Eu olho para o meu exemplo trabalhando na Comissão Eleitoral Independente do Quênia. Na época, estávamos muito bem preparados sobre como abordaríamos questões de desinformação e misinformation e a deslegitimação da comissão com base na mídia tradicional. Tivemos reuniões e discussões com editores, tivemos aparições na mídia profissional, onde seríamos capazes de explicar o que estávamos fazendo e abordar algumas das preocupações e a legitimidade do órgão de gestão eleitoral. Mas então veio a Cambridge Analytica com suas mídias sociais no exterior com vídeos que estavam sendo realizados para apoiar alguns dos atores políticos com esse tipo de manipulação de informações. Com estes tipos de vídeos que estavam sendo publicados, tornou-se muito difícil para nós responder como comissão rapidamente, porque confiamos, novamente, mais nas abordagens políticas que foram experimentadas e testadas ao longo do tempo, que é a abordagem tradicional da mídia. Enquanto isso, os atores políticos e os jovens que estão usando principalmente as mídias sociais para as quais muitos de nós, incluindo eu, eu nem sequer tenho nenhuma conta de mídia social. Eu não tinha uma conta Twitter, nem conta no Facebook, ainda bem pois eu não saberia como usá-las, mas em um momento se encontra uma situação em que há vídeos sendo manipulados e sendo reproduzidos sobre você, onde aparentemente você está em uma reunião com atores políticos mas na realidade você não está lá. E isso se torna viral e nossa abordagem, mesmo naquela época, foi emitir declarações que demorariam tempo ou convocar coletivas de imprensa para responder a algumas dessas coisas. E então essa preparação é uma área que eu realmente queria enfatizar e que, para isso, o que vemos é uma tendência na qual essas questões continuaram em vigor. E, portanto, o nível de preparação da comissão eleitoral é importante. E estamos vendo isso em nosso país, estamos recebendo cada vez mais pedidos de órgãos de gestão eleitoral para analisar questões de mídia social, para ver como elas precisam estar preparadas e abordar as questões de desinformação, manipulação de informações, violência online que continua e prejudica realmente o processo eleitoral. E essa é uma área que é realmente importante que esse é um foco fundamental também do PNUD porque reconhecemos que isso não é convencional e que os órgãos de gestão eleitoral não estão necessariamente preparados. Se olharmos para Serra Leoa e seu impacto das mídias sociais, ou se olharmos Zimbábue, ou outros países na África que estejam de norte a sul, o impacto é

realmente enorme e o nível de preparação necessário para a gestão eleitoral é importante. Penso que, em segundo lugar, além da preparação, o segundo ponto importante é a resposta. Você sabe, como você responde a esses problemas? Preparado significa entender o que está acontecendo e ser capaz de monitorar realmente o que é importante de formas e maneiras diferentes. Você está monitorando as mídias sociais, monitorando o que está acontecendo com a mídia de várias maneiras, não apenas o que você vê no Facebook, mas também para o WhatsApp, que é realmente a principal mídia pela qual muitos países africanos possuem desinformação, misinformation e discurso de ódio estão se espalhando. O segundo ponto é de resposta, e essa é uma das coisas que estamos vendo cada vez mais solicitações dos escritórios nacionais, dos escritórios nacionais e também órgãos de gestão eleitoral sobre como se preparar e como também ser capaz de responder. É por isso que estamos trabalhando com a IEC, a Comissão Eleitoral da África do Sul e a União Africana nas diretrizes de mídia social apoiando os órgãos de gestão eleitoral e os orientando em termos das habilidades críticas necessárias para poder responder a algumas dessas coisas. O terceiro ponto que gostaria de destacar é que essa abordagem que vimos em muitos dos países em que tive o privilégio de realizar as visitas de honra nos últimos um ano e meio, estamos vendo que há uma abordagem diferente que em muitos casos o bullying online só acontece com mulheres. Quero dizer, eu mesma já fui vítima como comissária. Onde você encontra muitos abusos online, uma linguagem usada para deixar as mulheres afastadas das conversas que estão completamente em muitos países nos meios digitais. Eu estava na Tanzânia a muito tempo, onde ouvíamos mulheres políticas nos dizendo que elas estão se afastando das mídias sociais para que possam evitar o trauma emocional de realmente serem abusadas online e isso é realmente um problema, porque o que isso faz é tirar as mulheres de participação política. Então nós, a voz das mulheres líderes, devemos usar as vantagens da presença digital porque estamos vendo cada vez mais que as mídias sociais estão sendo usadas para estimular os apoiadores a serem capazes de ter perspectivas, para serem capazes de falar com os líderes. E assim, quando mais as mulheres ficam mantidas fora das mídias sociais, isso significa que elas estão perdendo oportunidades de serem capazes de influenciar e falar com seus apoiadores. Penso que o terceiro ponto que gostaria de fazer é também em torno do impacto sobre os jovens. Estive em vários países onde os jovens se sentem vitimados por suas vozes e pelas posições que têm online. E então eles se afastaram desses espaços online e realmente não fazem atividades políticas online porque se sentem alvos. E então o que isso significa? Que a oportunidade, os jovens como nós somos, se organizaram, vimos casos na Zâmbia, como vimos no caso do Quênia, onde os jovens puderam se organizar online. No caso da Gâmbia, os jovens foram capazes de se organizar online e ser uma força para contar com isso. Você sabe, quando você encontra jovens em países como a Tanzânia se afastando da política, focando no esporte porque sentem uma dor terrível, então isso tem um impacto sobre o papel que eles poderiam desempenhar. E isso é realmente importante porque se os jovens, que são 60% da população da África sentem que não podem continuar participando de processos políticos por poderem se tornar alvos, isso prejudica nossa democracia, prejudica as eleições, isso prejudica a União Africana, não apenas na governança, nas eleições e na democracia. E a importância de trazeremos de volta os jovens em países onde eles sentem que estão sendo alvos online. O quarto ponto que eu gostaria de fazer é sobre o papel da diáspora. O papel da diáspora em realmente criar narrativas que as vezes podem ser positivas porque você pode ser capaz de ver coisas a distância onde elas são difíceis talvez de ver quando você está no país. O que é muito, muito útil quando você pensa em democracia espaço. Mas também vimos que em outros casos eles desempenham um papel agressivo pelo qual são capazes de colocar todas essas narrativas que acabam sendo virais que podem ser os casos de desinformação e misinformation, como vimos nos casos de Etiópia e Serra Leoa e casos semelhantes em

que eles são capazes de espalhar desinformação, mas eles não estão dentro dos limites ou não estão dentro da autoridade legal dos governos na África. E, portanto, eles não são capazes de citar os governos e os órgãos não são capazes de abordar algumas dessas questões porque não estão dentro da jurisdição. Mas é importante enfatizar que qualquer ação que seja feita em qualquer caso deve garantir isso. A proteção de direitos humanos, as liberdades de expressão, as liberdades de observação não são prejudicadas de forma alguma. Eu acho que é importante continuar enfatizando as questões de acesso a nos lembra que, mesmo quando falamos sobre tecnologias e implicações e por causa das tecnologias, também temos que contar com o fato de que temos muitos outros. O que é vantajoso por causa da falta de acesso e as mulheres acabam sendo realmente desproporcionalmente afetadas dessa maneira. Permitam-me concluir analisando o que é se pudermos abordar questões de manipulação de informações. O que é que podemos abordar questões de desinformação e misinformation? Na verdade, não acredito que haja uma única solução. Acreditamos que é importante ter uma forma mais ativa, uma abordagem com várias partes interessadas. Isso inclui o trabalho que estamos fazendo para garantir que os órgãos de gestão estejam preparados para serem capazes de abordar questões de mídia social, questões de desinformação e misinformation que pode deixar a educação do eleitor mais preparada incluindo aspectos sobre desinformação e misinformation para que as pessoas saibam que nem tudo o que vemos no WhatsApp é real. O fato de você ter recebido uma mensagem de um primo seu no WhatsApp não significa que isso seja um fato, que isso é verdade. E que você pode ser manipulado como eles foram manipulados no meu caso, e muitas vezes, no meu caminho comissária, eu aparecia em locais fazendo atividades políticas, quando na verdade eu estava na sala de reuniões tendo reuniões e é isso que eu faço. Você deve estar ciente de como os políticos ou como as empresas ou como vários atores estão usando suas mensagens para realmente desinformar e promover misinformation. Penso que o quarto ponto gira em torno de legislação. Ou seja, a legislação que ainda protege os direitos das pessoas, ou seja, protege a liberdade e os direitos humanos de todos os indivíduos. E eu acho que, por último, é realmente a conscientização, a questão das empresas verem como seu envolvimento e engajamento, ganhar dinheiro com desinformação, misinformation virtualmente prejudica nossa democracia, como eventualmente tudo isso prejudica o antigo modelo de negócios. E assim, trabalhar com as partes interessadas e aumentar a conscientização, como vimos o Facebook responder como uma empresa, responder a algumas das coisas que vimos e abordamos algumas das maneiras pelas quais o sistema continua a permitir isso. Eu acho que há muito mais que mídias como o WhatsApp podem fazer, acho que há mais coisas que podem ser feitas de errado com algumas das manipulações e em derrubar parte do conteúdo que vimos. Mas eu acho que essa abordagem multissetorial, abordagem multifacetada é o que precisaremos se formos a favor de uma democracia, se quisermos proteger a integridade das eleições, e se quisermos garantir que as eleições e a confiança nas eleições permaneçam porque sem confiança nas eleições, sem o melhor em nossa democracia, então as opções não parecem muito boas. Muito obrigado.